

NGA MUTURI: MEMÓRIA E RESISTÊNCIA FEMININA

Rejania Targino de Castro¹

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar a personagem protagonista Nga Muturi (senhora viúva) da novela Nag Muturi (1882) de autoria Alfredo Troni, cujo nome é homônimo ao título da obra. Busca-se fazer uma leitura crítica das memórias e recordações da protagonista relacionando-as a sua formação identitária, ao longo da narrativa vinculada ao contexto angolano. Desse modo, destacaremos as representações da subalternidade da mulher angolana e sua tentativa de emancipação ao discurso identitário da personagem Nga Muturi. A proposta metodológica do presente trabalho está respaldada nas obras-teórico-críticas de Michael Pollak (1989; 1992), Maurice Halbwachs (2006), Pires Laranjeira (1992) dentre outros autores.

Palavras-chave: Literatura Angolana, Subalternidade. Identidade. Memória. Nga Muturi.

ABSTRACT

The present work intends to analyze the protagonist character Nga Muturi (widow lady) of the novel Nag Muturi (1882) by Alfredo Troni, whose name is homonymous to the title of the work. The aim is to make a critical reading of the protagonist's memories and recollections, relating them to her identity formation throughout the narrative linked to the Angolan context. Thus, we will highlight the representations of the subalternity of the Angolan woman and her attempt to emancipate herself from the identity discourse of the character Nga Muturi. The methodological proposal of this work is supported by the theoretical-critical works of Michael Pollak (1989; 1992), Maurice Halbwachs (2006), Pires Laranjeira (1992) among other authors

Keywords: Angolan Literature, Subalternity. Identity. Memory. Nga Muturi.

¹ Graduada em Letras pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/CE).

INTRODUÇÃO

Ao tomar como objeto de estudo da obra literária a novela *Nga Muturi*, originalmente publicado em 1882 com autoria de Alfredo Troni, jornalista, advogado e escritor português. Este artigo objetiva fazer uma análise crítica sobre as memórias da personagem central que dá nome a narrativa Nga Muturi que em quimbundo significa (senhora viúva) e a partir dessas memórias relacioná-las com a formação identitária. Para tanto, a análise volta-se para as representações da subalternidade da mulher angolana e sua tentativa de emancipação ao discurso da construção identitária pela memória vinculada ao contexto angolano.

O universo africano com sua diversidade de cultura material e imaterial, bem como o estado de coisificação e alienação a que foram submetidos seus povos, podem ser identificados na obra *Nga Muturi*, de Alfredo Troni. A novela apresenta uma narrativa breve com traços de angolanidade, tendo Luanda como cenário permeado de características, experiências, costumes e tradições. Uma África colonial, ou seja, recheada de elementos mesclados da tradição africana com o mundo do colonizador português, escrita em 3º pessoa, com um enredo não-linear. Como define Laranjeira (1992) a obra é considerada precursora das teorias pós-coloniais e obras literárias angolana, publicada em forma de folhetins em Lisboa no Diário da Manhã.

A narrativa trata do percurso e ascensão social da personagem central que logo de início no texto é chamada de Nga Andreza, uma menina negra filha de escrava ou mulher livre, portanto, da condição “*buxila*” (escrava) (TRONI, 1973, p.31). A trajetória da protagonista foi marcada por uma constante mudança dos espaços geográficos e sócios culturais, sendo retirada de seu lugar e do ambiente familiar. Dessa forma, a protagonista viverá uma situação de entre-lugar², vivendo entre dois mundos de tradições e costumes diferentes. Ao passar por constantes conflitos internos de sua mente entre “o ser e o parecer” como se refere no trecho: “Nga Andreza conheceu então o que era, e o que deveria parecer” (TRONI, p.35), a sujeição a uma nova identidade faz com que Nga Andreza quando questionada se era escrava, ela se cala, prendendo-se a lutas silenciosas e solitárias, tentando não

² O conceito entre-lugar, formulado por Bhabha, está relacionado à visão e ao modo como grupos subalternos se posicionam frente ao poder e como realizam estratégias de empoderamento. BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

lembrar que não fora sempre livre. Ao longo da narrativa, porém a protagonista assume uma postura de dignidade e independência.

Desse modo, a problemática da pesquisa se fundamenta em estabelecer a relação entre identidade e memória, demonstrando que lembranças e recordações estão constantemente vinculadas a um espaço físico, e este vínculo entre espaço e lembrança serve como facilitador para trazer à memória as vivências ou experiências passadas. No decorrer do texto *Nga Muturi*, o passado da protagonista é representado em retrospectos da sua infância, através de suas lembranças: “[...] tem uma vaga recordação de outros tempos passados numas terras muito longe, de onde a trouxeram quando era pequena.” (TRONI, p. 32, 1973). Nesse véis, há uma necessidade de se estudar a memória enquanto instrumento de resgate, de ter acesso ao passado, no intuito de conhecer suas tradições, seus costumes, seus ancestrais. Observamos que mesmo de modo vago a personagem Nga Andreza procura resgatar recortes de sua memória, que de alguma forma já serviram de norteamento para o sujeito colonial e, agora, busca, como qualquer sujeito, ainda que de maneira involuntária, buscar uma nova identidade para esse o novo sujeito angolano. Acompanhamos a protagonista da história que vive esse trajeto da infância até tornar-se uma mulher livre e independente.

Os estudos sobre identidade e memória se faz conhecido pela importância de se aprofundar nos estudos da memória coletiva para um maior entendimento dos processos identitários dos grupos sociais. Nesse contexto, o silenciamento da memória da personagem central, percebe-se o impasse de um constante negociar de sua angolanidade para com o mundo do colonizador português. O aparecimento inoportuno de velhas reminiscências (lembranças) não vem apenas evidenciar que a lembrança é algo que a incomoda já que não consegue evitá-las, mas que a cultura europeia é algo que lhe é também estranho por mais que tente assimilá-la ou igualar-se ao colonizador.

Dessa forma, a proposta metodológica do presente trabalho está respaldado numa perspectiva analítica de momentos investigativos: primeiro momento uma releitura das memórias da protagonista na construção de sua identidade; Segundo momento atenuar a sua condição como mulher e negra numa sociedade colonial, e por fim, discutir como a protagonista torna-se agente de

transformação de dentro para fora, revertendo o sentimento de subalternidade, de submissão e resignação ao ascender socialmente naquela sociedade.

REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Uma releitura das memórias de Nga Muturi no processo de formação identitária.

No plano literário da obra em estudo *Nga Muturi*, podemos dizer que a obra constitui um marco histórico da literatura angolana, de acordo com (EVERDOSA, p.25), erigindo-se como um importante documento cultural “histórico-sociológico”, ao retratar com grande rigor uma época de referência da vida de Luanda. Especificamente, a protagonista representada no texto pode figurar um retrato de sua terra, e do que acontecia naquele contexto. No entanto, o enredo traça o percurso de vida da personagem central, que vive uma espécie de mutação cultural forçada, a qual a narrativa remonta o universo da Luanda colonial da época, assim como vem especificado em seu subtítulo *cejas de Luanda*.

A protagonista que faz parte do imaginário angolano vive um dilema naquela sociedade. Criada como escrava, vendida como pagamento de dívida, “*quituxi*” do tio (TRONI, 1973, p.33) é entregue a um comerciante português, e se torna mucama de seu senhor, e após a sua morte, de escrava passa a condição de mulher livre, senhora Nga Muturi, herdeira de seus bens consegue se integrar aos moldes da sociedade luandense.

Ela manteve sua fortuna vivendo do comércio e da oferta de empréstimos a juros, mesmo sendo analfabeta e muitas vezes passada para trás consegue superar os obstáculos enfrentados naquela sociedade colonial. A formação da protagonista se dá de forma dramática em que ela vai penetrando no mundo do outro, assimilando a cultura do colonizador e encontrando meios de inserção e de sobrevivência. Ao deslocar-se para esse novo espaço, passa por um rito de passagem, ou seja, por um processo de aculturação, tornando-se um ser híbrido, localizada no entre-lugar de duas culturas distintas.

Todavia, a protagonista é despojada de si, de seus costumes, de suas crenças, de suas vestes. Retirada de seio familiar, vendida e levada de um lugar para outro como fosse um objeto, tudo isto, de alguma forma iria afetar a sua subjetividade e identidade como mulher e negra africana pertencente àquela sociedade. Isto é evidenciado no trecho: “Que a mandaram lavar, e desmanchar-lhe o lindo penteado seguro pelo *ngunde* e *tacula* que lhe fizera a *mama* tirando-lhe as miçangas, os búzios e todos os enfeites. (TRONI, 1973, p. 34)

Nga Muturi é apresentada logo no primeiro parágrafo como Nga Andreza e, quando questionada se é escrava, se cala numa luta silenciosa e solitária, assim como é descrito no novo espaço em que vive:

E contudo quando se senta á porta da casa com a face fincada entre os joelhos apertados pelos braços seguros pelas mãos enclavinadas nas noites de luar quentes e sossegados, e cujo silêncio é só quebrado pelo seco bater na areia da rua, dos pés dos *gingamba* que carregam uma machila, ou pelos gritos estridentes das molecas da vizinhança que apregoam ruidosas *bonzo* – ia *temá, temá, temá*; então – [...] tem uma vaga recordação de outros tempos passados numas terras muito longe, de onde a trouxeram quando era pequena”. (TRONI, p. 31-32, 1973).

Contudo, a personagem afirma que é livre, esquecendo-se do seu passado. No decorrer do texto as reminiscências da protagonista são apresentadas como *flashback* de suas lembranças. De acordo com SACRAMENTO E NEIVA (p. 128, 2010), ao mergulhar nesse sentimento de recordações e vagas memórias, a protagonista “conduz à consciência mais clara das contradições, dos concertos e desacertos desse mundo em que vive” e passa a adquirir marcas do outro mundo, dito civilizado, como se refere na narrativa: “Tinha aprendido um pouco da língua dos brancos, e já não era desejada no vestir dos panos quando viera.” (TRONI, p. 35, 1973).

Compreendemos, portanto, que as relações entre memória e identidade na obra *Nga Muturi*, faz uma distinção entre memória coletiva e memória individual, onde o passado é organizado sob a forma de lembrança, conforme os postulados de Maurice Halbwachs, em sua obra *A memória coletiva* (2006). Dialogamos também com as considerações de Michael Pollak, em seu ensaio *Memória, esquecimento, silêncio* (1989), no qual o estudioso compreende a relação do homem com o passado em meio a conflitos entre a dimensão individual e coletiva da memória,

partilhando com Halbwachs, portanto, a observação de que a memória individual se produz na interação com o coletivo.

Nesta perspectiva, podemos compreender que a memória é tudo aquilo que o indivíduo é capaz de lembrar seja em situações que tenha vivido ou experimentado, ou seja, isto diz respeito à memória individual, já em situações que ele (a) tenha guardado porque a ouviu uma história de alguém, nesse sentido, a memória também é coletiva. No trecho: “Lembra-se de uma mulher aquém chamava *mama* enfezada e triste, mas resignada, que a levava pela mão para as sementeiras, e que á noite levava para a cubata [...]” (TRONI, p.32). Então nas duas formas da memória seja ela individual ou coletivo o que têm em comum é o que o indivíduo, necessariamente participa, e difere como essa participação se dá em uma ou como ela se dá em outra. É nessa interseção e na tensão entre o individual e o coletivo que se reelabora a memória, trazendo elementos dessas duas esferas, bem como do passado e do presente.

Lembra-se mais, que um dia se abeirou da mãe um preto que era seu irmão [...] e *mama* tomou-a nos braços silenciosos deixando cair uma lagrima bem quente sobre o seu rosto. Que ela olhava espantada tudo aquilo, mas que por fim adormecera. Depois disto, o irmão da *mama* a puxara para fora do cercado dá cubata. E ela seguiu-o muda e inconsciente, voltando-se viu a *mama* com as mãos na cabeça chorando bem triste. (TRONI, 1973, p. 32)

A partir de suas memórias, percebemos que a protagonista traz recordações do tempo passado, momentos tristes de separação da sua mãe, do seu lar, mesmo “calada e inconsciente” como é descrito no trecho acima, ela guardou essas memórias para si, mas, dialeticamente conseguiu superar os obstáculos do presente.

Observamos que memória é uma ferramenta promotora da identidade, visto que a identidade está em constante construção. De acordo com Stuart Hall (2001) a visão de que a identidade é algo em construção, móvel, histórica, em constante processo de formação, é resultante de uma concepção de um sujeito fragmentado, construído nas relações e nas interações sociais. O autor argumenta que:

[...] um tipo de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades

personais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (Hall, 2001: 9).

Nesse sentido as concepções de sujeito mudam, levando em conta a trajetória e experiência da protagonista, percebemos que o caminho percorrido por ela e pelas constantes mudanças que teve de enfrentar nas vivências diárias, foram marcadas pela necessidade de um ajustamento a uma nova realidade facultada pelo dominador português. Primeiramente a mudança de lugar, depois de nome e, principalmente na esfera da linguagem, é o que o narrador acentua no trecho: “Passou alguns anos naquela vida. Tinha aprendido um pouco a língua dos brancos [...]” (p. 35). Desse modo, o que chama a atenção na obra é a inserção de elementos da língua loruba, que desde o título “*Nga Muturi*” (senhora viúva), “*buxila*” (p.31), como “*nfung*”, “*tambi*” (p.32), e dentre outras percebidas no texto. No entanto, ao inserir elementos próprios da língua oral em sua obra, Alfredo Troni comprova que o uso da oralidade não é sinal de fragilidade ou impotência, mas símbolo de que os africanos, ainda que inconscientemente, respiram sua própria identidade, e resistem ao aniquilamento das suas memórias e tradições.

Dentro desse processo de construção de identidade, o papel da memória, dessa forma, seria o de intermediar o passado e o presente, articulando elementos para a construção de um discurso nacional. O estado de coisificação que é submetido à população negra, inferimos que a personagem Nga Muturi pode ser representado como o retrato dessa coisa que o negro se tornou, despojado de suas crenças, costumes, vestuário, família e de sua própria essência, para tornar-se um outro sujeito. É importante ressaltar que esse estado de coisificação nos revela a subalternidade e submissão passiva do africano, demonstrando o estado de alienação em que vivem muitos negros ainda hoje.

Dessa forma, a protagonista ao adaptar-se a novos costumes, é perceptível os silêncios e sentimentos que deveriam ser ditos, mas que Nga Muturi prefere não dizer e guarda para si. São vazios que não podem ser preenchidos devido às convenções daquela sociedade, já que preencher seus vazios identitários significava assumir que um dia foi escrava, coisificada pelo seu tio e pelo seu senhor. Desse modo, essa era a imagem de Luanda naquele contexto social da época descrita por Troni em sua narrativa, em relatar a constituição estrutural social de Angola.

2.2 Uma reflexão da condição social da personagem Nga Muturi como mulher negra

A novela *Nga Muturi* propõe também uma reflexão acerca da condição social das mulheres da sociedade angolana na época colonial, podendo ser retratadas em situações de opressões e violências. Quando mantemos contato com obras que trazem como destaque personagens femininas como protagonistas de sua própria história, as obras que dão ênfase ao cotidiano das mulheres podem sensibilizar o(a) leitor(a), levando-o(a) a questionar as suas próprias relações e apontando, no caso das leitoras, a necessidade de romper com a subalternidade e o silenciamento.

Michel Pollak (1989) em seus estudos sobre processos de “enquadramento” no plano hegemônico aborda o apagamento das memórias de grupos, que passam a ocupar uma condição de marginalidade. No entanto, ainda que esses grupos subalternizados sofram a opressão e a censura não deixa de produzir suas próprias memórias. Pollak conceituará essa modalidade de lembrança como “memórias subterrâneas”: são elas as memórias dos grupos marginalizados, das minorias políticas, dos seguimentos sociais mais pobres, dentre outros. Em alguns trechos da obra em estudo, podem-se perceber cenas de violência e opressões vividas por esses grupos marginalizados:

Que o *muari* inquirindo disto, mandara castigar a preta, e logo que chegou pelo mar [...] metera a preta na tal canoa, ela ficou sendo *mucama* de seu senhor. (TRONI, p.34)

A cena de que ela não se quer lembrar, mas, por mais que faça naquelas horas de recolhimento, apresenta-se nítida á sua memória, foi a da surra que o patrão lhe mandou dar. Como não pode repelir a lembrança, começa no seu pensamento atenuar o crime – que ela não tivera culpa, porque enfim era menina nova e o patrão não se importava com ela [...] mas açoitada com os negros, ela a *mucama* como diziam era demais. (TRONI, 1973, p. 37, 38).

A presença de personagens femininas nas narrativas literárias angolanas, nesse cenário de transformação, sobrevivendo a momentos fortes de dominação e opressão colonial, nesse contexto a mulher tem um papel preponderante como protagonista. Conseqüentemente, Alfredo Troni materializa isso para o texto narrado, revelando através da sua escrita como a mulher angolana naquele contexto social torna-se agente transformadora dessa realidade. Assim, é demonstrado na trajetória de vida de Nga Muturi, que na posição de subalterna e submissa, ela

consegue uma posição de destaque naquela sociedade predominantemente machista. Muitas vezes, essas mulheres sofrem dupla violação: por serem mulheres e por serem negras, os colonizadores portugueses as abusavam sexualmente destas mulheres, utilizando seus corpos como propriedades deles, sentiam-se donos das terras e de tudo que havia nelas, como é narrado no texto: “Nga Andreza não saiu do quarto por muito tempo, e a todo momento esperava que o patrão a vendesse.” (TRONI, 1973, p. 38). Assim percebemos que a identidade feminina foi manipulada pelo discurso do patriarcado, que impôs divisões de papéis, a exclusão do espaço público, tornando-a objeto do seu prazer e donos de seus corpos.

De acordo com SANTILI (2020, p.87) Nga Muturi, “resgata na memória seu momento decisivo, do rito de passagem, assinalado pelos gestos iniciáticos que simbolizam a troca da vida existencial e essencial de seu mundo”, do mundo de sua etnia e suas origens, pela participação em outro espaço, em que está determinada a sua condenação pelo *quituxi* (crime do tio). No enredo, registra que a mandaram lavar e desmanchar-lhe o lindo penteado seguro pelo “*ngunde*” e “*tacula*” que lhe fizera a “mama”, tirando-lhe as miçangas e os búzios e todos os efeitos (TRONI, 1973, pp. 32-34).

Desse modo, Nga Muturi, ao sentir a introjeção de um sentimento de inferioridade em relação ao colonizador, e na progressiva perda de sua identidade original pela trajetória em que vai de *mucama* a *senhora* Nga Muturi e, finalmente, torna-se uma senhora de bens, comerciante e agiota. A protagonista, ao se adaptar ao enquadramento da nova sociedade como uma mulher negra antes escravizada pelo seu senhor, agora ocupa o espaço deixado por ele, consumando-se assim, como “uma boa cidadã que paga bem os impostos” (TRONI, p.62) incorporando-se a uma nova ideologia de classe social.

Mesmo sendo mulher e objeto de desejo dos homens, “Nga Muturi é invejada. Não quer homem. Surra e Serra são dois fantasmas que se levantam diante da sua imaginação [...]” (TRONI, 1973, p.61). Nga Muturi resiste ao curso dominador da cultura que lhe é imposta, mas ainda reza em *Mbundu*, ou socorrer-se de “Nossa Senhora da *Muxima*” (p.41) e faz mandinga para engravidar; danças as *sembas* (umbigadas), nas festas de aniversário de óbito do *muari*. Podemos considerar que no plano da escrita de Alfredo Troni ao escolher uma figura feminina como protagonista torna-se transgressor do sistema, opta por escolher essas

mulheres como personagens, tornando-se assim, agentes transformadoras pelo viés de sua luta paralela ou marginal à dos homens, protagonizam, afinal, a subversão. Tornam-se assim, senhoras do seu destino, mesmo que a sociedade imponha outros *modus vivendi*.

3 METODOLOGIA

Para a elaboração deste trabalho, utilizaremos a abordagem qualitativa, por ocupar-se com uma realidade que não pode ser apenas quantificada, pois essa realidade possui um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2003). Assim, para iniciarmos a pesquisa, tivemos contato com a fundamentação teórica geral, numa revisão aprofundada da literatura em torno da obra *Nga Muturi*, do autor Alfredo Troni, identidade, memória, subalternidade e resistência feminina.

Para conduzir essa pesquisa qualitativa, utilizamos como procedimento o tipo de pesquisa bibliográfica. Para isso, realizamos um levantamento da bibliografia referente ao assunto estudado, identificamos um conjunto de referências bibliográficas que ~~possam~~ pudessem embasar a pesquisa, localização das obras, compilação dos teóricos e fichamento de textos. As fontes bibliográficas possibilitaram uma maior compreensão e aprofundamento do debate acerca da temática em questão.

A revisão bibliográfica ocorreu por meio dos estudos relacionados ao contexto histórico, social e cultural de Angola e, além disso, realizamos outras leituras relacionadas à fortuna crítica de Pollak, Halbwachs, Stuart Hall, Everdosa, Santili, e dentre outros autores. Recorremos também aos estudos culturais, especialmente direcionadas às categorias que perpassam a fundamentação teórica deste trabalho como por exemplo a correlação entre identidade e memória. Estas leituras dialogaram com a análise literária crítica, a partir da leitura da obra *Nga Muturi*. Desse modo, para análise da obra, realizamos leituras explanatórias (história, personagens, espaço, tempo, narração, recurso), especificamente a construção da personagem central para compreensão das relações estabelecidas na narrativa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 De escrava a senhora Nga Muturi

A ascensão social da viúva Nga muturi, depende de um alto grau de humilhações que ela procurará esquecer. Dentre as piores, foi ser açoitada como os negros. “-Oh! Diabo! Matei o raio da preta” diz o patrão a certo momento”. A assimilação rebaixada de Nga muturi faz parte do domínio violento português sobre a gente daquela terra que, além de dessocializada pela perda do convívio familiar, da sociedade até então conhecida, neste caso, perdia também a sua identidade. Vendida como mercadoria como pagamento de dívida, torna-se amante de seu novo senhor, e por vezes a silenciaram e a humilharam diante da situação em que ela se encontrava.

Nga Muturi prefere ficar no seu silêncio. São vazios que perturbam sua mente e que não podem ser preenchidos devido às convenções daquela sociedade e para preencher esses sentimentos internos que a perturbavam prefere assumir que um dia fora escrava. Mesmo na condição de subalterna consegue superar através de sua habilidade e ao casamento com o português certa visibilidade na sociedade crioula luandense.

Embora Nga Muturi tenha um relacionamento, mesmo que de subserviência, sofre constantemente com a violência que lhe é imposta pelo patrão. No entanto, de *mucama* torna-se a principal herdeira dos bens de seu senhor, recebendo, assim, o status de “senhora” (Nga) e passando a ser chamada de “Nga Muturi” (senhora viúva). Desse modo, o novo status social alcançado pela protagonista ao ascender socialmente à sociedade luandense, passa a viver uma vida tranquila diferente da anterior, e de possibilidades, inclusive tornando-se uma agiota, apesar de ser constantemente ludibriada.

Percebemos, portanto, que mesmo com a possibilidade de crescimento social, a mulher negra representada na narrativa de Alfredo Troni, passa por diversos momentos, desde o pagamento da dívida do tio (vendida como objeto), até a condição de mulher bem sucedida, detentora de alguns bens. Apesar disso, aquela sociedade ainda não a via com bons olhos. Evidenciamos que a imagem feminina

construída na novela de Troni nunca deixa de salientar que a mulher, mesmo alcançando um diferente status sócio, é incapaz de administrar sua vida e seus bens. Há sempre uma figura masculina interferindo na vida de Nga Muturi e seus atos e as consequências destes sempre se desenvolvem a partir de tais interferências como é evidenciado no texto: “Pois o Pinto a enganou-a [...] Ele comeu o dinheiro a Nga Mturi. [...] desabafou enfim: que era uma pobre mulher que todos a enganavam [...]” (TRONI, p. 63).

A mulher encenada no e pelo texto de Troni, marca-se pelo signo de alteridade de uma mulher angolana/africana, apesar de ela ter omitido sua vida para não revelar seu passado. O texto deixa claro que Nga Muturi recebeu muitas críticas pelo fato de ser ela a ficar com toda herança do falecido marido. Com sua nova posição social, Nga Muturi deveria se expressar apenas na língua oficial e obedecer às regras sociais em vigência, como seguir religião católica e comunicar-se em língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso da análise traçado até aqui, permitiu fazer uma leitura das memórias da personagem Nga Muturi. O objetivo desse trabalho foi pensar a memória como elemento constitutivo para a formação identitária da protagonista Nga Muturi, pois o ato de lembrar é reconstruir o passado partindo do presente.

Refletindo sobre a literatura em Angola numa perspectiva analítica torna-se fácil concluir que a obra *Nga Muturi* é o retrato da sociedade colonial, que constitui o modelo fundador do que viria a ser a literatura colonial. Rompendo com o cânone literário da época e da riqueza da trama, Alfredo Troni utiliza uma riqueza de expressões em kimbundo para acentuar a afirmação da identidade e de espaço e liberdade, centrando na narrativa nos costumes e rituais da terra de Angola. Assim, podemos dizer que *Nga Muturi* representa a gênese da afirmação da literatura angolana então sob o domínio do paradigma colonial.

A mulher angolana é representada no texto como protagonista que aspira à integração na sociedade. Nesse sentido, ampliando o fazer artístico, o criar e inventar o processo criativo da novela *Nga Muturi*, Alfredo Troni reelabora a matéria de sua escrita e cria possibilidades de ressignificação da trajetória de uma mulher negra, oprimida e subalternizada, que vive numa sociedade preconceituosa e machista, e que, ao ascender socialmente, suas experiências subjetivas foram base para reinvenção de sua própria vida e de uma nova realidade.

É a partir desta perspectiva que a mulher negra, inserida nas narrativas literárias exercendo um papel de protagonismo, reconhece as relações de poder que determinam o silenciamento, e decide ela própria se inscrever na história, como sujeito capaz de pensar suas vivências, suas memórias, suas ações, e refletir sobre a vida. Fica perceptível quando, ao fim da narrativa Nga Muturi conclui que ao compara as experiências de vida na cidade é bem melhor do que a vida no mato.

Portanto, a literatura angolana transcorre caminhos os quais vão além da construção literária, colaborando para a identidade coletiva do país. A tessitura ficcional do texto de Alfredo Troni mostra a sociedade angolana, do ponto de vista heterogêneo, promove uma angolanidade, que debruça sobre as formas de relações sociais urbanas da época. Convém lembrar que a novela, em seu pioneirismo deixa transcrever cenas que aconteciam no período colonial, ao abordar questões que

tangem às personagens femininas e à forma como estas são ligadas à figura do colonizador na posição de subalternidade social.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- EVERDOSA, Carlos. A década de 50. O movimento dos novos intelectuais de Angola. “Mensagem” e “Cultura”. In _____. **Roteiro da literatura angolana**. Luanda: União dos escritores angolanos, s/d p. 81-105.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- LARANJEIRA, Pires. **De letra em riste**. Porto: Afrontamento, 1992.
- MINAYO, M.C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- NEIVA, Luciano Santos e SACRAMENTO Sandra Maria Pereira do. **Alteridade em Nga Muturi de Alfredo Troni: a “outridade” na prosa moderna em Angola**. IPOTESI, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 123 - 131, jul./dez. 2010.
- POLLAK, Michael. **“Memória e Identidade Social”**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- SANTILI, Maria Aparecida. **Textos e contextos em língua portuguesa**. Org. Rejane Vecchia Rocha e Silva Rosangela Sarteschi Vima Lia de Rossi Marti. Edições Bibli-ASPASão Paulo | 202
- TRONI, Alfredo. **Nga Muturi: cenas de Luanda**. Lisboa, Edições 70, 1973.